

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



O ENVOLVIMENTO PATERNO: FACTORES QUE O INFLUENCIAM
ESTUDO EXPLORATÓRIO

Maria Raquel de Oliveira Pereira Pinto

15551

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia

2009

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Maria Raquel de Oliveira Pereira Pinto

Dissertação orientada por: Professora Cecília Mota Aguiar

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Cecília Mota Aguiar Apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica, conforme o despacho da DGES nº 19673/2006 publicado no Diário da Republica, 2ªserie de 26 de Setembro, 2006

RESUMO

O estudo da relação pai-criança é relativamente recente, quando comparado com estudo da relação mãe-criança. O pai já foi visto como fonte de orientação moral, disciplinador, passou por ser considerado o sustento da família e o modelo a seguir. Actualmente já é visto como cuidador, mas ainda com algumas reservas. Sabemos que a relação conjugal, a ocupação profissional e a rede social influenciam o comportamento paterno e por consequência o desenvolvimento da criança. Assim desenvolveu-se um estudo para tentar verificar se o emprego (quer do pai como da mãe) influencia, e de que forma influencia, o envolvimento do pai com a criança. Para tal criou-se um questionário baseado na teoria de Lamb (1897 cit. por Parke, 1995) que defende que o envolvimento é composto por três componentes: a interacção, a disponibilidade e a responsabilidade. As conclusões sugerem que o tipo de horário, o número de horas diárias de trabalho, o trabalho aos fins-de-semana e o facto de a mãe estar ou não empregada têm influência no envolvimento paterno.

Palavras-chave: pai, envolvimento, emprego

ABSTRACT

The study of father-child relation is relatively recent, when compared with mother-child relation. The father has been seen as a source of moral guidance, as disciplinarian, he was seen as the bread-winner and a role model. Nowadays he is already seen as a care taker but still with some reserves. We know that the marital relation, the job and the social network influence father behaviour and consequently the child development. Therefore it was developed a study to verify if the job (of either parents) had any influence and if so, in which way, in the father involvement with his child. It was built a questionnaire based on Lamb's theory (1897 cit. by Parke, 1995) that defends that the involvement has three components: interaction, availability and responsibility. Conclusions suggest that the type of schedule, number of daily work hours, working or not in weekends, and mothers having or not a job influence fathers involvement.

Key-words: father, involvement, job

Índice

A parentalidade.....	1
O envolvimento.....	3
Factores que influenciam o envolvimento.....	5
O pai através dos tempos.....	8
Situação em Portugal.....	10
Fundamentação das hipóteses.....	12
Participantes.....	16
Instrumento.....	20
Procedimento.....	23
Resultados.....	24
Discussão.....	36
Referências Bibliográficas.....	41

Lista de Tabelas

TABELA 1: Distribuição da amostra em função da idade do pai.....	16
TABELA 2: Distribuição da amostra segundo as habilitações literárias dos pais.....	16
TABELA 3: Distribuição da amostra em função do rendimento económico do pai.....	17
TABELA 4: Distribuição da amostra em função do número de horas de trabalho diário.....	17
TABELA 5: Distribuição da amostra de acordo com o tipo de horário de trabalho.....	17
TABELA 6: Distribuição da amostra de acordo com o trabalho aos fins-de-semana.....	17
TABELA 7: Distribuição da amostra em função do tempo de transporte entre casa e o trabalho.....	18
TABELA 8: Distribuição da amostra segundo o emprego da mãe.....	18
TABELA 9: Distribuição da amostra em função da actividade realizada pelas crianças após o jardim-de-infância.....	18
TABELA 10: Distribuição da amostra de acordo a residência da criança.....	19
TABELA 11: Distribuição da amostra de acordo com o sexo da criança.....	19
TABELA 12: Caracterização dos grupos 1 e 2 no que diz respeito ao trabalho aos fins-de-semana, ao tipo de horário e ao trabalho da mãe.....	24
TABELA 13: Caracterização dos grupos 3 e 4 no que diz respeito às horas de trabalho diário, ao tipo de horário e ao trabalho da mãe.....	24
TABELA 14: Análise descritiva da comparação entre os grupos 1 e 2 no que diz respeito ao envolvimento.....	26
TABELA 15: Análise descritiva da comparação entre os grupos 1 e 2 no que diz respeito às componentes do envolvimento.....	26
TABELA 16: Análise descritiva da comparação entre os grupos 1 e 2 no que diz respeito ao tempo que os pais passam com os seus filhos.....	27
TABELA 17: Análise descritiva da comparação entre os grupos 3 e 4 no que diz respeito ao envolvimento.....	27
TABELA 18: Análise descritiva da comparação entre os grupos 3 e 4 no que diz respeito às três componente do envolvimento.....	28
TABELA 19: Análise descritiva da comparação entre os grupos 3 e 4 no que diz respeito ao tempo que os pais passam com os seus filhos.....	28

TABELA 20: Análise descritiva da comparação entre os pais que têm um horário fixo e os pais que trabalham por turnos no que diz respeito ao envolvimento.....	29
TABELA 21: Análise descritiva da comparação entre o grupo de pais com horário fixo e o grupo de pais que trabalham por turnos no que diz respeito às três componentes do envolvimento.....	30
TABELA 22: Análise descritiva da comparação entre os pais que têm um horário fixo e os pais que trabalham por turnos no que diz respeito ao tempo que passam com os seus filhos.....	30
TABELA 23: Análise descritiva da comparação entre os pais cujas companheiras trabalham e os pais cujas companheiras não trabalham no que diz respeito ao envolvimento.....	31
TABELA 24: Análise descritiva da comparação entre o grupo dos pais cujas companheiras trabalham e o grupo de pais cujas companheiras não trabalham no que diz respeito às três componentes do envolvimento.....	31
TABELA 25: Análise descritiva da comparação entre os pais cujas companheiras trabalham e os pais cujas companheiras não trabalham no que diz respeito ao tempo que os pais passam com os seus filhos.....	32

Lista de Anexos

Anexo A: Questionário.....	44
Anexo B: Análise Inferencial.....	49
Anexo C: Análise descritiva.....	53

A parentalidade

Apesar de existirem imensos estudos sobre o comportamento dos pais e o seu efeito no desenvolvimento das crianças, não existe nenhuma definição (pelo menos explícita) do que é o comportamento parental (*parenting*) (Pires, 1990). Segundo Rutter (1989, cit. por Pires, 1990), o comportamento parental é o somatório dos cuidados dados à criança que proporcionam um desenvolvimento adequado. Nestes cuidados incluem-se as respostas às solicitações para interações sociais e as respostas a pedidos e queixas (desconforto), num ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e social. Assim, o comportamento parental requer a capacidade para interpretar os sinais do bebé, reconhecer o seu comportamento de acordo com as diferentes fases do desenvolvimento e agir/ responder às situações de *stress*/ adversidade de forma adequada (Pires, 1990).

A parentalidade é um trabalho cujo objecto de atenção e acção é a criança – as crianças humanas não crescem, nem podem crescer sozinhas – mas a parentalidade também é uma etapa na vida dos pais com consequências para estes. A infância é a altura em que se estabelecem os primeiros laços sociais, se aprende como expressar e interpretar as mais básicas emoções humanas, se começa a conhecer o mundo físico. Na infância também se desenvolve a personalidade e o “estilo” social, sendo os pais que conduzem as crianças através destas mudanças/descobertas. A infância tem sido pensada como um período no ciclo de vida das crianças em que estas estão abertas a influências que irão acompanhá-las durante muito tempo depois de terem abandonado a família de origem (Bornstein, 2002).

Os pais preocupam-se com o bem-estar diário dos seus filhos assim como, a longo prazo, com o seu desenvolvimento, mas também se preocupam com eles próprios como pais e querem saber qual a melhor forma de ultrapassar com sucesso as exigências da parentalidade (Bornstein, 2002).

A parentalidade promove um desenvolvimento psicológico, um aumento da autoconfiança e da sensação de bem-estar. Tornar-se ou ser pai significa assumir novas e vitais responsabilidades. No entanto, para se ser um bom pai as necessidades do progenitor também têm que ser satisfeitas. No caso das mulheres, isto torna-se bastante claro a nível físico: uma mulher mal nutrida, por exemplo, vai adoecer mais

frequentemente e dar à luz bebês mais pequenos e com possíveis problemas de desenvolvimento (Bornstein, 2002). Os pais pela primeira vez vão experienciar alterações em aspectos da sua personalidade, nomeadamente nas expectativas de auto-eficácia, controlo pessoal, ansiedade e depressão (Bornstein, 2002).

Ao pensar na relação pais-criança é inevitável pensar nos pais como agentes de socialização. No entanto, os pais não são só agentes nesta relação. O nascimento de uma criança vai alterar os hábitos de sono, de alimentação e de trabalho dos pais, vai mudar quem os pais são e a forma como se definem. A relação entre os pais e as crianças surge como uma interacção na qual se constrói não só a parentalidade como a infância (Bornstein, 2002).

Para compreender totalmente a natureza da relação pais-criança é necessário reconhecer a interdependência de papéis e funções de todos os membros da família. Assim, para compreender o comportamento de um membro da família, os comportamentos dos outros membros têm que ser considerados. O contexto familiar é tão importante como as relações individuais entre os pais e a criança, sendo fundamental a qualidade da relação entre os pais (Featherstone, 2004).

Segundo Cox, Deng, Mills-Koonce, Willoughby & Barret (2008), a literatura falha algumas vezes ao não reconhecer que as mães e os pais actuam dentro da mesma família e que o comportamento parental de um progenitor influencia e é influenciado pelo comportamento parental do outro. A natureza da relação entre os processos conjugais e o comportamento parental pode variar de mães para pais. Segundo Belsky et al. (1991, cit. por Cox et al., 2008), as mães e os pais são influenciados no seu comportamento parental pela relação conjugal mas de diferentes formas. Estes descobriram que, ao longo do tempo, uma reduzida satisfação conjugal nos pais estava associada a um comportamento menos sensível com os filhos, enquanto que nas mães estava associado a um comportamento mais envolvido e sensível.

O envolvimento

Os pais têm muitos papéis a desempenhar no desenvolvimento das crianças: cuidá-las e protegê-las, guiá-las para que estas entendam e expressem correctamente sentimentos e emoções, orientá-las para que os seus comportamentos sejam aceitáveis para o estágio de desenvolvimento em que se encontram, assim como prepará-las para se adaptarem às mudanças de papéis e contextos que estas vão passar ao longo da vida (Bornstein, 1989a, 2002a; Bradley & Caldwell, 1995, cit. por Bornstein, 2002).

Existem grandes diferenças em termos de quantidade de envolvimento entre pais e mães, no entanto, as diferenças não ficam por aqui. Existem também diferenças em termos de estilo e qualidade do envolvimento (Parke & Tinsley, 1987; Parke, 1995). Um nível mais baixo de envolvimento paterno no cuidado da criança e outras formas de interacção não implica que os pais sejam menos competentes que as mães no cuidado da criança (Corwin & Bradley, 1999). Pleck (1997, cit. por Corwin & Bradley, 1999) diz que os determinantes da parentalidade diferem de mães para pais. O autor salienta que os benefícios para a criança estão muitas vezes associados a formas positivas de envolvimento e não simplesmente à quantidade do envolvimento (Corwin & Bradley, 1999). A competência pode ser medida de várias maneiras: uma delas é medir a sensibilidade dos pais às queixas das crianças (por exemplo, no contexto da alimentação) (Parke, 1995).

O envolvimento dos pais não é necessariamente inversamente proporcional ao envolvimento das mães. Em famílias bi-parentais, as mães frequentemente partilham uma grande parte das suas responsabilidades de cuidadoras com familiares, amas e outros. Em muitas famílias, as avós são chamadas para assumir o cuidado das crianças, que anteriormente era da responsabilidade da mãe. Assim, os factores que influenciam um maior ou menor envolvimento dos pais podem diferir dos factores que contribuem para uma alteração do envolvimento das mães (Wood & Repetti, 2004). O sucesso no cuidado da criança, em traços gerais, está dependente da capacidade do pai para interpretar correctamente o comportamento da criança, regulando e adaptando o seu próprio comportamento, como resposta às necessidades da criança (Parke & Tinsley, 1987; Parke, 1995).

Actualmente, muitos investigadores defendem que o sexo do progenitor é pouco importante em termos de influência na criança (Lamb, 1997, cit. por Featherstone, 2004). É o calor parental, o cuidado e a proximidade que estão associados ao desenvolvimento positivo, independentemente do progenitor envolvido ser o pai ou a mãe (Featherstone, 2004).

Para se perceber como a história evolutiva dos pais e a sua personalidade influenciam o comportamento parental, é necessário conhecer o tipo de *parenting* que parece promover um funcionamento infantil óptimo (Featherstone, 2004). Um comportamento parental sensível às capacidades da criança e às tarefas inerentes ao desenvolvimento promove uma grande variedade de benefícios no desenvolvimento, incluindo segurança emocional, independência comportamental, competências sociais e ganhos intelectuais (Lerner & Spanier, no prelo, cit. por Belsky, 1984). À medida que a criança cresce, o uso parental da indução, disciplina consistente e expressões de afecto tem sido relacionado positivamente com a auto-estima, a orientação pró-social e o desempenho intelectual durante os anos de escolaridade (e.g., Coopersmith, 1976; Hoffman, 1970; McCall, Applebaum, & Hagarty, 1973, cit. por Belsky, 1984).

Um cuidado sensível permite que a criança desenvolva confiança no mundo como um lugar caloroso e carinhoso que funciona de forma ordenada. O facto deste mundo também ser responsivo ensina à criança que as suas acções têm consequências, o que motiva actividades subsequentes. Pelo contrário, as restrições inibem a curiosidade que iria motivar o conhecimento e proporcionar um ambiente estimulante. Assim, não é surpreendente que as crianças cujos pais são sensíveis aos seus pedidos e queixas, responsivos às suas acções, estimulantes e não muito restritivos sejam identificados na literatura como tendo um desenvolvimento óptimo durante os primeiros anos de vida (Belsky, 1981).

Segundo Lamb (1985, 1987, cit. por Parke, 1995), existem três componentes do envolvimento paterno: a interacção, a disponibilidade e a responsabilidade. A interacção refere-se ao contacto directo do pai com a criança através dos cuidados e da partilha de actividades, enquanto a disponibilidade diz respeito ao potencial de interacção, ou seja, mesmo não estando em interacção o pai encontra-se disponível para esta. A

responsabilidade remete para o papel do pai de garantir que todos os recursos estão ao alcance da criança (Parke, 1995). Características qualitativas da interacção pai-criança como o afecto, a sensibilidade, o calor e a participação em actividades específicas também são aspectos importantes do envolvimento paterno (Cabrera et al, 2000).

Sarkadis, 2008 (cit. por Hoffman, 2008 ¶ 5), usando diferentes formas para medir o envolvimento paterno, incluindo a presença do pai em casa, o envolvimento no cuidado da criança e a interacção directa com a criança, mostrou que existem efeitos muito positivos que decorrem do envolvimento paterno, dos quais se destacam: (a) aumento do desenvolvimento cognitivo durante a infância; (b) funcionamento social acima da média na infância; (c) níveis mais elevados de sucesso escolar; (d) diminuição de problemas de comportamento na adolescência; (e) taxas mais baixas de delinquência e comportamento criminal.

Factores que influenciam o envolvimento

De acordo com Belsky (1984), a parentalidade é multideterminada por factores individuais como a personalidade dos pais e as características da criança e pelo contexto social no qual esta relação se desenvolve. Aqui incluem-se a relação conjugal, a rede social e as ocupações profissionais dos pais. Estes factores vão influenciar a personalidade dos pais e o seu bem-estar psicológico e, como consequência, vão influenciar o comportamento parental e o desenvolvimento da criança (Belsky, 1984). Parke (1995) acrescenta ainda os factores familiares, o passado familiar e psicológico do pai, as crenças e atitudes em relação ao papel do pai, a motivação para o envolvimento e o conhecimento sobre o cuidado infantil como factores que influenciam e determinam o nível de envolvimento dos pais com as crianças (Parke, 1995).

As mães e os pais cuidam das crianças de forma complementar. O suporte emocional mútuo, a partilha de responsabilidades parentais, a tentativa de evitar que o conflito marital ou insatisfação perturbem a relação com a criança constituem algumas das formas como o “*co-parenting*” funciona não só para promover o desenvolvimento da criança como para proporcionar um maior envolvimento parental (Bornstein, 2002).

Juntamente com a relação conjugal, o comportamento parental de um progenitor vai influenciar o comportamento do outro. A forma como esta influência actua no comportamento parental do outro progenitor vai variar de sistema familiar para sistema familiar (Cox et al.; 2008). As crianças podem influenciar indirectamente a relação entre os pais ao alterarem o comportamento de um dos pais que, por consequência, altera a interacção entre marido e mulher (Parke & Tinsley, 1987; Parke, 1995). Os pais também podem influenciar os seus filhos através da influência na relação mãe-criança: os pais que agem de forma mais sensível com os seus filhos podem ter relações mais positivas com as suas companheiras que, por sua vez, interagem de forma mais sensível com os seus filhos. Esta interacção mãe-criança pode assim ter um maior impacto no desenvolvimento da criança (Cabrera et al., 2004).

Existem vários factores que tanto podem actuar promovendo a competência parental como perturbando. São, por isso, chamados de factores de *stress* ou suporte consoante a sua influência. Segundo Pires (1990), podem existir dois tipos de suporte, o emocional e o instrumental. O suporte emocional pode ser definido como o afecto e aceitação interpessoal que um indivíduo recebe do outro de forma explícita e directa ou de forma implícita, através de acções. O suporte instrumental pode tomar variadas formas, desde conselhos, informações, ajuda em tarefas rotineiras, incluindo o cuidado com a criança (Belsky, 1984).

Existem três potenciais fontes de suporte (que também podem ser fonte de *stress*): a relação conjugal, a rede social e o emprego. A relação conjugal surge como a principal fonte de suporte para os pais, mais de forma indirecta do que directa, através do impacto no bem-estar psicológico do individuo. Apesar do isolamento social ser considerado um factor de risco associado ao comportamento parental disfuncional, não se pode assumir que um maior contacto com familiares, amigos e vizinhos seja sempre vantajoso. O contacto que normalmente serviria de suporte pode tornar-se *stressante* se levado ao extremo (Pires, 1990).

O suporte social pode ser providenciado por diferentes pessoas, desde amigos, vizinhos, familiares, colegas de trabalho e outras pessoas com quem os pais mantenham um contacto frequente (Pires, 1990). No caso do suporte social, como acontece na relação conjugal, os benefícios para a função parental são mediados pelo bem-estar psicológico

do pai (Belsky, 1984). O “tipo” de emprego, a motivação e o nível de satisfação que o emprego lhes proporciona pode ter efeitos nas atitudes dos pais. Se, por um lado, um “bom” emprego pode proporcionar bem-estar e uma sensação de competência, por outro, problemas no emprego podem provocar irritabilidade e instabilidade familiar (Pires, 1990). Tal como nos casos anteriores, o comportamento parental é mediado pelos efeitos que o emprego e o trabalho têm na personalidade e no bem-estar psicológico do pai (Belsky, 1984).

O tamanho da família pode contribuir para influenciar o envolvimento dos pais (e das mães), considerando que cada “filho extra” na família requer um cuidado e supervisão adicionais (Wood & Repetti, 2004). Os acontecimentos ao longo da vida também podem alterar o envolvimento dos pais (e das mães) no cuidado das crianças. Por exemplo, a morte de um familiar, o nascimento de um irmão, problemas graves de saúde na família, mudança de emprego ou um aumento/diminuição no rendimento económico familiar vão obrigar a um reajustamento no cuidado das crianças (Wood & Repetti, 2004).

Muitos pais confessam que, apesar de se sentirem socialmente pressionados para serem o suporte financeiro da família, pessoalmente gostariam de estar mais envolvidos nos cuidados das crianças e sentem cada vez mais um aumento (sociocultural) das expectativas para que isto aconteça (Henwood & Procter, 2003, cit. por Pleck & Maurer, 2006). Muitos estudos têm mostrado que, quando os pais estão mais envolvidos com os seus filhos porque é o seu desejo, existe um benefício no desenvolvimento cognitivo e social da criança (e.g., Pleck, 1999).

Independentemente da idade dos pais, frequentemente, estes identificam o suporte financeiro das crianças como a mais importante obrigação parental (Cazenave, 1979; Johnson, 1995, 1998, cit. por Johnson, 2001). A sociedade contribui para esta ideia valorizando o suporte financeiro. Os pais que podem fornecer suporte financeiro são considerados mais “capazes” de se envolver que os outros pais, assim como é esperado que os pais mais escolarizados sejam mais envolvidos que os pais menos escolarizados. A idade também parece ser um factor importante; a crença popular sugere que a idade do pai é um forte indicador do seu envolvimento com a criança: quanto mais velho mais envolvido estará (Johnson, 2001). A forma como gere o seu papel paterno envolve uma

exploração das tarefas realizadas pelos adultos, tais como a sua identidade, a educação, a carreira e reflexão sobre estas tarefas e as exigências da parentalidade (Parke & Tinsley, 1987; Parke, 1995). Assume-se que os adultos, em oposição aos pais adolescentes, estão melhor equipados para responder às necessidades emocionais e instrumentais das crianças. Os valores do pai sobre a paternidade são também importantes para um maior desenvolvimento e reconhecimento do envolvimento paterno. Os pais que vivem e têm contacto diário com os seus filhos têm uma maior tendência para adquirir valores que estimulam o aumento do envolvimento, potenciam o desenvolvimento parental e o bem-estar da criança (Johnson, 2001).

O pai através dos tempos

Desde sempre se reconheceu a importância da relação mãe-criança mas apenas recentemente se iniciou o estudo da relação pai-criança. Este desfasamento deriva, em grande parte, dos antepassados psicanalíticos da psicologia do desenvolvimento, das teorias da vinculação mãe-criança e da tradição cultural que minimizava o significado da relação das crianças com o “segundo progenitor”.

Quando os investigadores começaram a investigar o pai, percorreram o mesmo caminho que o estudo da mãe tinha efectuado anos antes, começando pela ausência do pai, como já tinha sido estudada a “privação” da mãe e, quando iniciaram investigações observacionais, repetiram com os pais as mesmas metodologias e paradigmas testados com as mães. A grande diferença foi que os estudos começaram a ser realizados com ambos os pais para que comparações entre as díades mãe-criança e pai-criança pudessem ser realizadas (Blesky, 1981). No entanto, foi durante as duas últimas décadas que o interesse pela influência dos pais no desenvolvimento das crianças cresceu drasticamente (Hernandez & Coley, 2007).

Desde sempre que os psicólogos se interessaram pelos efeitos do cuidado das crianças no desenvolvimento da vinculação criança-pais. Nos primeiros trabalhos publicados na tentativa de explorar a origem da vinculação infantil, Schaffer e Emerson (1964, cit. por Tamis-LeMonda, Shannon, Cabrera, & Lamb, 2004) descobriram que as crianças se vinculavam a vários indivíduos (pais, avós) que forneciam pouco ou nenhum cuidado físico mas que iniciavam/desenvolviavam interações sociais com as crianças. Por outro lado, verificaram que as crianças se vinculavam de forma mais segura e, em primeiro

lugar, à mãe (cuidador primário), o que sugeria que, apesar de serem comuns vinculações múltiplas, a relação com o cuidador primário parecia ser mais sólida (Tamis-LeMonda et al., 2004).

Apesar dos teóricos da vinculação tradicionalmente darem importância exclusiva à relação mãe-criança, alguns investigadores, como Lamb (1981) e Parke (1979, cit. por Lamb, Frodi, Wang, & Frodi, 1983), na última década, viraram a sua atenção também para a relação pai-criança. Os estudos realizados têm mostrado que a maioria das crianças se vinculam a ambos os pais e que existem diferenças de sexo na preferência das crianças do sexo masculino e feminino (Lamb et al., 1983). A vinculação criança-pai vai influenciar directamente o seu desenvolvimento, da mesma forma que a qualidade da vinculação mãe-criança o influencia (Lamb, 1997, cit. por Cabrera et al., 2000). A acessibilidade do pai vai também fornecer à criança um sentimento de segurança e suporte emocional (Cabrera et al., 2000).

Os contextos social e histórico sempre influenciaram os conceitos de família e de parentalidade e é, por isso, importante conhecer as alterações que determinaram as actuais relações familiares (Larosse, 1997, cit. por Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000). Lamb (1987, cit. por Fitzgerald, Mann, & Barratt, 1999) realizou uma análise histórica do papel do pai e sugeriu a divisão em quatro períodos diferentes, nos quais o pai foi visto de diferentes formas, consoante o contexto histórico e social da época. Durante a época colonial, o pai era visto como fonte de orientação moral, sendo principalmente um disciplinador. Mintz (1998, cit. por Fitzgerald et al., 1999) diz que, durante este período, os pais também eram responsáveis por transmitir aos filhos as capacidades e competências necessárias para que estes pudessem ser alguém na vida. Com a Revolução Industrial, os homens deixaram as suas quintas e pequenos negócios para procurarem emprego longe de casa na economia industrial que começava a emergir. Foi assim que a responsabilidade de criar os filhos se transferiu para as mães passando, nesta segunda fase, os pais a serem vistos como o “ganha-pão” (Larosse, 1997, cit. por Cabrera et al., 2000; Lamb, 1987, cit. por Fitzgerald et al., 1999). A 2ª Guerra Mundial dá início ao terceiro período da construção do papel de pai como cuidador. Com o ênfase na interacção e na rotina de prestação de cuidados, os pais começam a interagir mais com os seus filhos do que com as suas filhas, tornando-se mais influentes na tipificação sexual do que as mães. Finalmente, o quarto período

surge actualmente uma vez que o pai já é reconhecido como prestador de cuidados (Fitzgerald et al., 1999). No entanto, é de salientar que nada contribuiu mais para a mudança na vida familiar, e conseqüente alteração do papel paterno, do que o enorme aumento do número de mulheres/mães no mercado de trabalho (Cabrera et al., 2000).

Contudo, mudanças na noção de paternidade são difíceis por dois motivos: em primeiro lugar, apesar de muitos pais quererem estar envolvidos no cuidado infantil, este ainda é definido sendo “trabalho da mulher” ou “feminino”, o que significa que muitos pais precisam de redefinir cognitivamente essas tarefas (que não são tipicamente características dos homens) como sendo mais masculinas, para tentarem reduzir a ameaça à sua masculinidade (Doucet, 2004, cit. por Pleck & Maurer, 2006). Uma vez que o cuidado das crianças não é tradicionalmente definido como masculino, é menos provável que os homens se identifiquem social ou pessoalmente com este, sendo mais provável que participem nele por motivos extrínsecos (porque acham que vai fazer as suas mulheres felizes). Em segundo lugar, e um pouco como consequência do outro motivo, os cuidados das crianças tradicionalmente não têm tarefas reconhecidas aos pais como têm para as mães, surgindo assim como opcional para o pai cuidar da criança ou ser suporte financeiro (Riggs, 2005; Singley & Hynes, 2005, cit. por Pleck & Maurer, 2006).

Situação em Portugal

De acordo com um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2007) no âmbito da celebração do Dia Internacional da Família, o número de famílias em Portugal aumentou nos últimos anos. No entanto, a dimensão média das famílias portuguesas diminuiu de 2.9 para 2.8 elementos. Este decréscimo resultou do aumento de famílias constituídas por uma ou duas pessoas e da redução das famílias constituídas por quatro ou mais pessoas. (Para a realização deste inquérito, o conceito utilizado pelo INE para definir “família” foi o de agregado doméstico privado, “conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e cujas despesas fundamentais ou básicas (alimentação, alojamento) são suportadas conjuntamente, independentemente da existência ou não de laços de parentesco; ou a pessoa que ocupa integralmente um alojamento ou que partilhando-o com outras não satisfaz a condição anterior.

A maioria dos agregados familiares em Portugal continua a ser constituída por casais com filhos, que representam 46.8% do total dos agregados. Os agregados de casais sem filhos representam 21.8%, enquanto os agregados monoparentais são apenas 8% (neste caso, os agregados monoparentais são constituídos, maioritariamente, por mães com filhos).

Segundo um estudo realizado em 2005 pelo EU Labour Survey (cit. in INE, 2007, p. 2), o número de famílias com filhos na União Europeia era de cerca de 35%, valor semelhante ao encontrado em Portugal (36%). Relativamente à percentagem de famílias monoparentais, os valores em Portugal (2%) eram metade dos encontrados na União Europeia, constituída por 25 países (4%).

Relativamente ao número de filhos, os dados mostram que 57.3% das famílias têm filhos, sendo que a maior percentagem é a de famílias com apenas um filho (32%), seguindo-se as famílias com dois filhos (20.3%). As famílias com três filhos constituíam apenas 3.9% enquanto as com quatro ou mais filhos eram apenas 1%.

Este estudo mostrou que cerca de 34% dos pais com pelo menos um filho com menos de 15 anos recorre a serviços de apoio à criança (que incluem amas remuneradas e contextos pré-escolares) para garantir o cuidado dos filhos enquanto trabalham. Cerca de 23.6% recorre a familiares, vizinhos ou amigos, enquanto 13.8% confia essa tarefa ao cônjuge/ companheiro.

Uma percentagem de 13.4% dos inquiridos admite que gostaria de trabalhar menos para poder dispensar mais tempo para os seus filhos. No entanto, 83.7% refere que não estaria disposto a alterar a sua vida profissional. Quando comparados géneros, os valores das mulheres que desejam trabalhar menos para poderem dedicar mais tempo aos filhos é visivelmente mais alto (18.8%) do que o dos homens (8.1%).

Segundo um estudo da Organization for Economic Co-Operation and Development (OECD, 2004), duas em cada três mulheres portuguesas trabalham e a grande maioria (cerca de 85%) em *full-time*. Esta grande percentagem de mulheres trabalhadoras implica uma maior necessidade de locais onde deixar as crianças, também em *full-time*, o que faz com que as mães portuguesas admitam que as longas horas de trabalho

constituem uma barreira que as impede de passar mais tempo com os seus filhos (Pearson & Aguas, 2004, ¶ 1).

As políticas trabalho-família, em Portugal, promovem a igualdade de géneros com algumas iniciativas de sucesso como é o caso da licença paga de 15 dias para os pais. No entanto, o papel do pai no cuidado das crianças continua limitado. As entidades empregadoras ainda não conseguem proporcionar horários de trabalho mais flexíveis que permitam aos pais usufruir de tempo livre para passar com os seus filhos. Apesar de já existirem direitos oficiais que permitem aos pais passar mais tempo no cuidado dos filhos, a maioria das famílias não consegue suportar as diminuições de ordenado que estas originam (Pearson & Aguas, 2004, ¶ 4).

Em Portugal, Lima (2005) procurou estudar as formas de envolvimento paterno no processo de socialização de crianças em idade pré-escolar. Este estudo foi baseado no modelo proposto por Lamb e colaboradores (1987, cit. por Lima, 2005), que divide o envolvimento paterno em três componentes (interacção, acessibilidade e responsabilidade), considerando ainda diferentes formas de interacção (jogo, funcional, paralelo e transição). Tinha como objectivo verificar de que forma o período da semana, o sexo e idade da criança, a idade do pai, as crenças e atitudes dos pais e das mães face ao papel paterno influenciavam o tipo de interacção e formas de envolvimento. As conclusões deste estudo mostram que os pais estão mais acessíveis durante o fim-de-semana do que durante a semana, independentemente da forma de interacção. A acessibilidade durante o fim-de-semana duplica relativamente à acessibilidade durante a semana. Relativamente ao sexo da criança, os pais parecem envolver-se mais na socialização dos filhos do que das filhas, privilegiando a interacção com estes. O estudo mostra ainda que os pais mais velhos tendem a estar mais disponíveis, mais em interacção e a assumir mais responsabilidade do que os pais mais novos (Lima, 2005).

Fundamentação das hipóteses

A constante presença das mães como cuidadoras primárias das crianças transmitiu a ideia de que a relação pai-criança tinha pouca importância para o desenvolvimento da criança (Cabrera et al., 2000). Actualmente, já se reconhece a importância do

envolvimento paterno no desenvolvimento da criança, mas ainda há um longo caminho a percorrer em busca dos “contornos” deste envolvimento e das suas implicações para filhos e para pais. Torna-se assim interessante estudar o pai e o seu envolvimento com crianças em idade pré-escolar. Sabemos que existem inúmeros factores que influenciam a frequência e o tipo de envolvimento dos pais com as crianças. Alguns exemplos são as características pessoais (idade, etnia, educação, rendimento económico), factores relacionais (percepção por parte da mãe das competências do pai para cuidar da criança) e factores exteriores (como o emprego da mãe, idade e sexo da criança) (Rane & MacBride, 2000, cit. por Henley & Pasley, 2005). Não podendo estudar todos os factores que influenciam, ou podem influenciar o envolvimento paterno, optou-se por estudar factores externos como o tipo de emprego do pai, e o facto da mãe estar empregada ou não.

Sabendo que a satisfação com o trabalho está relacionada com uma relação mais sensível dos pais com as crianças, e que estudos realizados com as mães mostravam que quando estas estavam satisfeitas com o seu trabalho eram mais carinhosas com as crianças (Hoffman, 1963, cit. por Belsky, 1984) surgiu a questão: será que o emprego dos pais, tal como a satisfação no trabalho, dos pais vai influenciar o seu envolvimento com as crianças?

Segundo Grossman, Pollack e Golding (1988, cit. por Corwin & Bradley, 1999), a satisfação com o trabalho influencia positivamente a quantidade de tempo que os pais passam com os filhos assim como a qualidade das interações (Corwin & Bradley, 1999). Em estudos longitudinais com homens trabalhadores, Kanter (1978, cit. por Belsky, 1984) verificou que quanto mais tempo e energia os pais dedicavam aos seus empregos, mais irritados e impacientes eram com as crianças. Outros autores (e.g., Kemper & Reichler, 1976; McKinley, 1964, cit. por Belsky, 1984) demonstraram que a satisfação dos pais com o seu emprego estava inversamente relacionada com a severidade dos castigos aplicados às crianças (Belsky, 1984). Assim, decidimos colocar as seguintes hipóteses:

1. Os pais que trabalham menos de oito horas por dia tendem a ter um maior envolvimento com os seus filhos do que os pais que trabalham mais de oito horas por dia.

2. Os pais que trabalham apenas durante a semana tendem a ter um maior envolvimento com os seus filhos do que os pais que também trabalham aos fins-de-semana.

3. Os pais que têm um horário de trabalho fixo tendem a ter um maior envolvimento com os seus filhos do que os pais que trabalham por turnos.

Outro factor que tem um grande peso na relação do pai com a criança e, por consequência, no seu envolvimento é a mãe. Alguns investigadores defendem que o trabalho da mãe cria oportunidades para os pais estreitarem a sua relação com as crianças (Donovan, 1963; McCord, McCord & Tumber, 1963; Propper, 1972, cit. por Belsky, 1984). Em Portugal, a percentagem de mães trabalhadoras é de cerca de 85% (Pearson & Aguas, 2004, ¶ 1), no entanto, apesar de muitas mães estarem empregadas, a forma como estas organizam o seu tempo ainda faz com que os pais tenham menos oportunidades para interagir com os seus filhos que as mães (Parke & Tinsley, 1987). Assim decidimos colocar a seguinte hipótese:

4. Os pais cujas companheiras trabalham tendem a estar mais envolvidos do que os pais cujas companheiras não trabalham.

Segundo Pleck (1999), actualmente os homens americanos passam menos tempo a trabalhar do que no passado. Comparando com os trabalhadores do início do século XX, os homens actualmente começam a trabalhar mais tarde e reformam-se mais cedo, e a média de horas semanais de trabalho dos homens decresceu substancialmente (Pleck, 1999). A Comissão de Igualdade de Oportunidade (EUA) diz que o tempo que os pais passam com os seus filhos aumentou nas últimas duas décadas e meia, passando dos quinze minutos por dia para cerca de duas horas (durante a semana), sendo o aumento aos fins-de-semana ainda maior (O'Brian & Shemilt, 2003, cit por Featherstone, 2004). A questão que se coloca é: “Os homens actualmente passam mais tempo a tomar conta das crianças e a fazer tarefas domésticas?”(Pleck, 1999).

Sendo o tempo que os pais passam com as crianças um factor que tem sido estudado ao longo do tempo e que tem também sido utilizado como indicador do envolvimento

paterno, pareceu pertinente tentar saber que factores influenciam o tempo que os pais passam com as crianças. Colocamos assim as seguintes hipóteses:

5. Os pais que trabalham menos de oito horas por dia tendem a dedicar mais **tempo** aos seus filhos do que os pais que trabalham mais de oito horas diárias.
6. Os pais que trabalham apenas durante a semana tendem a dedicar mais **tempo** aos seus filhos do que os pais que também trabalham aos fins-de-semana.
7. Os pais que têm horário de trabalho fixo tendem a passar mais **tempo** com os seus filhos do que os pais que trabalham por turnos.
8. Os pais cujas companheiras trabalham tendem a passar mais **tempo** com os seus filhos do que os pais cujas companheiras não trabalham.

Participantes

Os dados foram recolhidos nos Jardins-de-Infância de Mafra e do Quintal, pertencentes ao Agrupamento de Escolas de Mafra.

Participaram 54 homens com idades compreendidas entre os 27 e os 49 anos, com uma média de 36,44 e um desvio padrão de 4,87.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Idade	54	27	49	36,44	4,87

Tabela 1: Distribuição da amostra em função da idade do pai

Relativamente às habilitações literárias, podemos dizer que os pais apresentavam maioritariamente um nível elevado de escolarização, uma vez que 20,4% completaram uma licenciatura, 38,9% completaram o 12º ano.

	Frequência	Percentagem
Licenciatura	11	20,4
12º ano	21	38,9
Curso profissional	2	3,7
9º ano	12	22,2
7º ano	2	3,7
6º ano	3	5,6
5º ano	3	5,6

Tabela 2: Distribuição da amostra segundo as habilitações literárias dos pais

Em relação ao rendimento económico, podemos verificar através da tabela seguinte que 18 pais (33,3%) não responderam a esta questão. Os pais que responderam apresentavam um rendimento económico, em média de 1832,78 € mensais, sendo o valor mínimo de 650€ e o máximo de 5000€.

	Válidas	36
Respostas	Em falta	18
Média		1832,78
Desvio Padrão		1056,865
Mínimo		650
Máximo		5000

Tabela 3: Distribuição da amostra em função do rendimento económico do pai

Verificámos que os pais que constituem a amostra trabalham em média 9 horas diárias, sendo o mínimo de horas de trabalho 6 e o máximo 14 horas.

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Horas de trabalho	54	6	14	9,00	1,67

Tabela 4: Distribuição da amostra em função do número de horas de trabalho diário

Relativamente ao tipo de horário dos pais verificou-se que a grande maioria (72,2%) trabalhava com horário fixo, enquanto apenas 27,8% trabalha por turnos.

Horário	Frequência	Percentagem
Fixo	39	72,2
Turnos	15	27,8

Tabela 5: Distribuição da amostra de acordo com o tipo de horário de trabalho

Os pais que constituem a amostra maioritariamente (51,9%) não trabalham aos fins-de-semana, sendo no entanto muito pequena a diferença para a percentagem de pais que trabalham aos fins-de-semana (48,1%).

	Frequência	Porcentagem
Não	28	51,9
Sim	26	48,1

Tabela 6: Distribuição da amostra de acordo com o trabalho aos fins-de-semana

Relativamente ao tempo que os pais demoram entre a casa e o trabalho, verificou-se que a média era de 35,09 minutos, sendo que 20,4% dos pais demoravam apenas 5 minutos (valor mínimo) enquanto 1,9% demorava 120 minutos (valor máximo).

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Tempo	54	5	120	35,09	3,316

Tabela 7: Distribuição da amostra em função do tempo de transporte entre casa e o trabalho

Relativamente ao trabalho das mães, verificamos que 72,2% das mães eram trabalhadoras enquanto as restantes 27,8% não se encontravam de momento a trabalhar.

	Frequência	Porcentagem
Não	15	27,8
Sim	39	72,2

Tabela 8: Distribuição da amostra segundo o emprego da mãe

Depois de saírem do jardim-de-infância, cerca de metade (46,3%) das crianças permanece no “Prolongamento” (ou Componente de Apoio à Família CAF), enquanto 42,6% vai para casa e apenas 9,3% vai para casa dos avós.

	Frequência	Porcentagem
Outro	1	1,9
Casa	23	42,6
Prolongamento	25	46,3
Casa avós	5	9,3

Tabela 9: Distribuição da amostra em função da actividade realizada pelas crianças após o jardim-de-infância

Relativamente à questão “vive com o seu filho” verificou-se que apenas dois dos pais inquiridos (3,7%) não o faziam, sendo que a larga maioria (96,3%) respondeu positivamente à questão.

	Frequência	Percentagem
Não	2	3,7
Sim	52	96,3

Tabela 10: Distribuição da amostra de acordo a residência da criança

Como podemos verificar na tabela seguinte a amostra é constituída por pais de meninas e meninos em igual numero (27), o que faz com que em termos de percentagem a amostra se divida em 50-50%.

Sexo da criança	Frequência	Percentagem
Masculino	27	50,0
Feminino	27	50,0

Tabela 11: Distribuição da amostra de acordo com o sexo da criança

Instrumento

O questionário sobre o envolvimento paterno foi construído com o objectivo de avaliar o tipo e a quantidade de interacção entre o pai e a criança em idade pré-escolar. Para a construção deste questionário, utilizou-se o Protocolo de Entrevista de Tempo Diário de Interacção e Acessibilidade de MacBride e Mills (1993) e a Escala de Responsabilidade Parental, também de MacBride e Mills (1993) adaptado por Lima em 2001. Estes dois instrumentos ajudaram na definição de alguns itens, permitiram clarificar alguns conceitos, como é o caso do conceito de *responsabilidade* e ajudaram na operacionalização do conceito de envolvimento. No entanto, o objectivo não era unir estes dois instrumentos, nem transformar a entrevista de Tempo Diário de Interacção e Acessibilidade num questionário, mas sim construir um instrumento que, ao mesmo tempo que indicasse os componentes do envolvimento paterno quantificasse o tempo que as crianças passavam com os seus pais. Deste modo, a classificação que se pretende obter não é semelhante ao da Entrevista (que classifica a interacção segundo categorias: jogo, funcional, paralelo, transição e inacessibilidade) mas sim uma classificação baseada na teoria de Lamb (1985; 1987, cit. por Parke, 1995) de que existem três componentes do envolvimento paterno: a interacção, a disponibilidade e a responsabilidade.

A interacção refere-se ao contacto directo do pai com a criança através dos cuidados e da partilha de actividades. Os itens **1**-“Brinco com o meu filho”, **3**-“Jogo com o meu filho”, **5**-“Leio histórias ao meu filho”, **6**-“Conto histórias ao meu filho”, **7**-“Canto para/com o meu filho”, **8**-“Pratico actividades ao ar livre com o meu filho”, **9**-“Vou passear com o meu filho”, **10**-“Quando o meu filho não acorda sozinho, vou eu acordá-lo”, **12**-“Deito/dou as boas noites (beijinho) ao meu filho”, **26**-“Participo nas actividades organizadas pelo Jardim-de-infância”, **32**-“Vejo televisão com o meu filho”, **34**-“Converso com o meu filho” e **38**-“Quando o meu filho acorda durante a noite sou eu que vou acalmá-lo/adormecê-lo” remetem para a componente *interacção* do

relacionamento. A resposta a cada item vai variar entre “nunca”, “raramente”, “de vez em quando”, “frequentemente” e “sempre” que correspondem às pontuações 0, 1, 2, 3 e 4 respectivamente. Aos itens **1, 3, 9, 32 e 34**, está associada uma questão complementar que pede aos pais que indiquem o número de horas diárias e semanais que dedicam a esta actividade.

A disponibilidade diz respeito ao potencial de interacção, ou seja, mesmo não estando em interacção o pai encontra-se disponível para esta. Os itens **2**-“Estou presente enquanto o meu filho brinca”, **4**-“Estou presente enquanto o meu filho joga”, **11**-“Assisto às actividades extra-curriculares do meu filho”, **13**-“Tomo o pequeno almoço com o meu filho”, **16**-“Almoço com o meu filho”, **17**-“Quando estou em casa vou buscar o meu filho ao Jardim-de-Infância para almoçar comigo”, **19**-“Lancho com o meu filho”, **20**-“Janto com o meu filho”, **24**-“Vou com o meu filho ao pediatra”, **28**-“vou às festas do Jardim-de-Infância”, **33**-“O meu filho vê televisão sozinho enquanto eu realizo outra actividade no mesmo espaço da casa” e **37**-“Levo o meu filho a actividades culturais” remetem para a *disponibilidade* do pai para o relacionamento. A resposta a cada item vai variar entre “nunca”, “raramente”, “de vez em quando”, “frequentemente” e “sempre” que correspondem às pontuações 0, 1, 2, 3 e 4 respectivamente. Aos itens **2, 4 e 33** está associada uma questão complementar que pede aos pais que indiquem o número de horas diárias e semanais que dedicam a esta actividade.

A responsabilidade refere-se ao papel do pai de garantir que todos os recursos estão ao alcance da criança, podendo ser responsável por uma actividade sem a realizar. Os itens **14**-“Visto o meu filho de manhã”, **15**-“Levo o meu filho ao Jardim-de-Infância”, **18**-“Vou buscar o meu filho à escola/ama/casa dos avós”, **21**-“Preparo as refeições do meu filho”, **22**-“Vou levar/buscar o meu filho às actividades extra curriculares”, **23**-“Marco as consultas e idas à vacina do meu filho”, **25**-“Quando o meu filho está doente fico em casa com ele”, **27**-“Vou às reuniões de pais”, **29**-“Participo na compra/escolha de roupa para o meu filho”, **30**-“Quando vou ao supermercado sei o que comprar para o meu filho”, **31**-“Compro os brinquedos para o meu filho”, **35**-“Planeio as actividades que vou desenvolver com o meu filho nos tempo livres”, **36**-“Decido que castigos atribuir ao meu filho” e **39**-“Sou responsável pela higiene diária do meu filho” remetem para a responsabilidade do pai de se recordar, planear ou organizar as actividades, mesmo que

não as realize. A resposta a cada item vai variar entre “nunca”, “raramente”, “de vez em quando”, “frequentemente” e “sempre” que correspondem às pontuações 0, 1, 2, 3 e 4 respectivamente.

No final do questionário, existem seis perguntas abertas em que é pedido aos pais para indicarem relativamente às afirmações: o tipo de brincadeiras mais frequentes; os jogos mais frequentes; que actividades pratica ao ar livre com a criança; a que locais vai passear com a criança; que programas vêem juntos; sobre o que conversam.

Por fim, é pedido aos pais que descrevam outras actividades que praticam com os seus filhos e que não tenham sido referidas no questionário. Estas perguntas abertas servem para completar eventuais falhas no questionário, ao mesmo tempo que permitem aos pais exprimirem-se de forma mais pessoal.

O ideal seria que as três componentes (interacção, disponibilidade e responsabilidade) coexistissem na relação pai-criança, sendo que níveis mais elevados nas três categorias indicariam um maior envolvimento paterno. No entanto, níveis mais elevados em apenas uma das categorias indicariam que os pais tendencialmente terão uma relação mais interactiva, mais disponível ou mais responsável.

Procedimento

Depois de definidos os objectivos do estudo e de se ter construído o questionário, que seria utilizado como instrumento, contactou-se a Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação e o Agrupamento de Escolas de Mafra para obter autorização para a realização deste trabalho. Depois de obtidas as respectivas autorizações entregaram-se nos Jardins-de-infância os questionários que deveriam ser entregues aos pais pelas Educadoras e uma pequena explicação sobre o trabalho e o seu carácter facultativo que deveria ser afixado nos Jardins-de-infância. Os questionários encontravam-se dentro de um envelope que devia ser fechado depois de preenchido para ser devolvido. Juntamente com o questionário enviou-se ainda uma carta de consentimento informado, na qual se explicava mais detalhadamente o trabalho e se fornecia os contactos para o caso de surgir alguma dúvida durante o seu preenchimento. Depois dos questionários preenchidos e devolvidos pelos pais às educadoras estes foram recolhidos. Em seguida procedeu-se à divisão da amostra e realizou-se o tratamento estatístico utilizando o programa SPSS versão 15.0.

Resultados

A análise dos resultados foi realizada de acordo com as características de cada variável.

Para a variável **número de horas de trabalho diárias**, dividiu-se a amostra em dois grupos (Grupo 1 - Pais que trabalham oito ou menos horas por dia e Grupo 2 - Pais que trabalham mais de oito horas diárias) e procedeu-se à análise inferencial, utilizando o Teste de Mann-Whitney, e descritiva de cada uma das dimensões e do resultado total do questionário.

	n	Trabalha aos Fins-de-semana		Tipo de horário		Mães trabalham	
		Sim	Não	Fixo	Turnos	Sim	Não
		Grupo 1	29	12	17	20	9
Grupo 2	25	14	11	19	6	17	8

Tabela 12: Caracterização dos grupos 1 e 2 no que diz respeito ao trabalho aos fins-de-semana, ao tipo de horário e ao trabalho da mãe.

Para a variável **trabalho aos fins-de-semana**, dividiu-se a amostra em dois grupos (Grupo 3 - Pais que trabalham aos fins-de-semana e Grupo 4 - Pais que não trabalham aos fins-de-semana) e procedeu-se à análise inferencial, utilizando o Teste de Mann-Whitney, e descritiva de cada uma das dimensões e do resultado total do questionário.

	n	Horas de trabalho diário		Tipo de horário		Mães trabalham	
		Oito ou menos	Mais de oito	Fixo	Turnos	Sim	Não
		Grupo 3	26	12	14	14	12
Grupo 4	28	17	11	25	3	21	7

Tabela 13: Caracterização dos grupos 3 e 4 no que diz respeito às horas de trabalho diário, ao tipo de horário e ao trabalho da mãe.

Para a variável **tipo de horário** dividiu-se a amostra em dois grupos (Pais que têm horário fixo de trabalho e Pais que trabalham por turnos) e procedeu-se à análise inferencial, utilizando o Teste de Mann-Whitney, e descritiva de cada uma das dimensões e do resultado total do questionário.

Para a variável **trabalho das mães**, dividiu-se a amostra em dois grupos (Pais cujas companheiras trabalham e Pais cujas companheiras não trabalham) e procedeu-se à análise inferencial, utilizando o Teste de Mann-Whitney, e descritiva de cada uma das dimensões e do resultado total do questionário.

Para realizar a análise dos resultados, procedeu-se à comparação entre os grupos definidos para cada variável utilizando o teste de Mann-Whitney. Recorreu-se à utilização de um teste não-paramétrico pois os requisitos para a utilização de estatística paramétrica não estavam preenchidos (especificamente, no que diz respeito ao tamanho da amostra). As rejeições das hipóteses foram feitas com base num nível de significância de ,05 ($\alpha = ,05$) (Pereira, 2004).

Procedeu-se a uma análise complementar descritiva (para cada uma das variáveis) relativamente ao **tempo** que estes pais passam com os seus filhos, uma vez que se optou por não realizar uma análise inferencial pois a maioria dos pais (35) não respondeu a esta questão.

Número de horas de trabalho diárias

No que diz respeito ao **número de horas de trabalho diárias**, procedeu-se à comparação do resultado total do questionário entre os grupos utilizando o Teste de Mann-Whitney. A análise inferencial revelou diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos no que diz respeito ao **envolvimento** ($U= 232,00$, $p= ,02$) (Anexo B).

A análise descritiva mostra uma tendência dos pais que trabalham menos de oito horas por dia (Grupo 1) para estarem mais envolvidos com os seus filhos do que os pais que

trabalham mais de oito horas diárias (Grupo 2), o que vai no sentido da hipótese colocada (ver Tabela 14).

	n	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Grupo 1	29	1,35	3,67	2,44	0,51
Grupo 2	25	1,22	2,85	2,09	0,51

Tabela 14: Análise descritiva da comparação entre os grupos 1 e 2 no que diz respeito ao envolvimento

Procedeu-se, em seguida, à comparação dos dois grupos no que diz respeito às três componentes do envolvimento paterno. Relativamente à componente **interacção**, voltou a aplicar-se o Teste de Mann-Whitney e verificou-se que não existiam diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ($U=270,50$; $p=,11$) (AnexoB).

Para a dimensão **disponibilidade** aplicou-se novamente o Teste não paramétrico de Mann-Whitney, verificando-se desta vez que existiam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($U=210,50$; $p=,01$) (AnexoB).

A análise descritiva desta dimensão mostrou que os pais que trabalham menos horas diárias (Grupo 1) se encontram, tendencialmente, mais disponíveis para os seus filhos do que os pais que trabalham mais horas por dia, o que vai no sentido da hipótese colocada (ver Tabela 15).

No que diz respeito à componente **responsabilidade**, verificou-se, através da aplicação do teste de Mann-Whitney, que não existiam diferenças estatisticamente significativas entre os pais que trabalham mais horas (Grupo 2) e os que trabalham menos horas por dia ($U= 251,00$; $p=,53$) (AnexoB).

A Tabela 15 sintetiza os resultados obtidos pelos pais no que diz respeito às três componentes do envolvimento paterno.

		n	Mínimo	Máximo	Média	Desvio - padrão
Interacção	Grupo 1	29	1,54	3,77	2,57	0,51
	Grupo 2	25	1,69	3,15	2,35	0,39
Disponibilidade	Grupo 1	29	1,42	3,25	2,39	0,49
	Grupo 2	25	1,17	2,83	1,99	0,49

	Grupo 1	29	0,86	4,00	2,37	0,64
Responsabilidade	Grupo 2	25	0,64	3,07	1,92	0,75

Tabela 15: Análise descritiva da comparação entre os grupos 1 e 2 no que diz respeito às componentes do envolvimento

Análise complementar

A análise descritiva permitiu verificar que os pais que trabalham menos de oito horas por dia (Grupo 1) passam em média mais **tempo** com os seus filhos durante a semana do que os pais que trabalham mais horas por dia. No entanto, esta tendência já não se verifica aos fins-de-semana, surgindo os pais do Grupo 2 com uma média superior aos do Grupo 1 (ver Tabela 16).

Tempo em minutos por:	Grupos	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Dia	Grupo 1	12	0,00	146,67	81,94	42,91
	Grupo 2	7	30,00	113,33	60,71	28,99
Fim-de-semana	Grupo 1	12	58,89	633,67	243,18	163,12
	Grupo 2	7	106,67	413,33	262,86	112,21

Tabela 16: Análise descritiva da comparação entre os grupos 1 e 2 no que diz respeito ao tempo que os pais passam com os seus filhos

Trabalho aos fins-de-semana

Relativamente ao **trabalho aos fins-de-semana**, procedeu-se à comparação entre os grupos utilizando o Teste de Mann-Whitney. A análise inferencial, no entanto, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos no que diz respeito ao **envolvimento** ($U= 326,50$; $p= ,52$) (Anexo B).

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Grupo 3	26	1,22	2,97	2,21	0,51
Grupo 4	28	1,35	3,67	2,34	0,56

Tabela 17: Análise descritiva da comparação entre os grupos 3 e 4 no que diz respeito ao envolvimento

Relativamente aos Grupos 3 e 4, procedeu-se igualmente à comparação entre as três componentes do envolvimento paterno (ver Tabela 17). Assim, para a componente **interacção**, e utilizando o Teste de Mann-Whitney, verificou-se que não existiam

diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($U= 337,00$; $p= ,64$) (Anexo B).

A aplicação do teste de Mann-Whitney à componente **disponibilidade** mostrou que não existiam diferenças estatisticamente significativas entre os Grupos ($U= 303,00$; $p= ,29$) (Anexo B) (ver Tabela 18).

Relativamente à componente **responsabilidade**, a análise inferencial não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os Grupos 3 e 4 ($U= 323,50$; $p= ,48$) (Anexo B).

A Tabela 18 mostra os resultados obtidos pelos pais no que diz respeito às três componentes do envolvimento paterno.

		N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Interacção	Grupo 3	26	1,69	3,15	2,43	0,41
	Grupo 4	28	1,54	3,77	2,50	0,52
Disponibilidade	Grupo 3	26	1,17	3,08	2,10	0,53
	Grupo 4	28	1,42	3,25	2,29	0,53
Responsabilidade	Grupo 3	26	0,64	3,14	2,09	0,71
	Grupo 4	28	0,86	4,00	2,23	0,73

Tabela 18: Análise descritiva da comparação entre os grupos 3 e 4 no que diz respeito às três componente do envolvimento

Análise complementar

A realização de uma análise complementar no que diz respeito ao **tempo** que os pais que trabalham aos fins-de-semana passam com os seus filhos durante a semana e durante o fim-de-semana mostrou que estes (Grupo 3) passam, em média, menos tempo durante o fim-de-semana com os seus filhos do que os pais que não trabalham (Grupo 4). Pelo contrário, verificou-se que durante a semana são os pais do Grupo 3 que, em média, estão mais tempo por dia com os seus filhos (ver Tabela 19).

Tempo em minutos por:	Grupos	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Dia	Grupo 3	9	30,00	133,33	75,37	30,97
	Grupo 4	10	0,00	146,67	73,00	46,65
Fim-de-semana	Grupo 3	10	58,89	413,33	232,78	128,73
	Grupo 4	9	113,33	633,67	270,04	163,65

Tabela 19: Análise descritiva da comparação entre os grupos 3 e 4 no que diz respeito ao tempo que os pais passam com os seus filhos

Tipo de horário

Relativamente ao **tipo de horário**, procedeu-se à comparação entre os grupos utilizando o Teste de Mann-Whitney. A análise inferencial, no entanto, não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos no que diz respeito ao **envolvimento** ($U= 216,00$; $p= ,14$) (Anexo B).

A análise descritiva relativa ao **envolvimento** permitiu observar uma tendência para os pais que trabalham por turnos para estarem mais envolvidos com os seus filhos do que os pais que têm horário fixo, no entanto não há forma de saber se estes resultados se devem ao acaso (ver Tabela 20).

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Horário fixo	39	1,22	3,67	2,20	0,57
Horário turnos	15	1,56	3,36	2,47	0,38

Tabela 20: Análise descritiva da comparação entre os pais que têm um horário fixo e os pais que trabalham por turnos no que diz respeito ao envolvimento

Procedeu-se, em seguida, à comparação dos dois grupos no que diz respeito às três componentes do envolvimento paterno. Relativamente à componente **interacção**, voltou a aplicar-se o Teste de Mann-Whitney e verificou-se que não existiam diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos ($U=198,50$; $p= ,07$) (AnexoB).

Para a componente **disponibilidade** voltou a aplicar-se o Teste de Mann-Whitney e mais uma vez verificou-se que não existiam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($U=235,50$; $p=,27$) (Anexo B).

Relativamente à componente **responsabilidade**, a aplicação do Teste de Mann-Whitney voltou a não encontrar diferenças significativas entre os pais que trabalham com horário fixo e os pais que trabalham por turnos ($U=210,00$; $p=,11$) (Anexo B).

A Tabela seguinte mostra os resultados obtidos pelos pais no que diz respeito às três componentes do envolvimento paterno.

		N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Interacção	Horário fixo	39	1,54	3,77	2,40	0,46
	Horário turnos	15	1,85	3,62	2,65	0,45
Disponibilidade	Horário fixo	39	1,17	3,25	2,16	0,55
	Horário turnos	15	1,33	3,25	2,32	0,46
Responsabilidade	Horário fixo	39	0,64	4,00	2,05	0,79
	Horário turnos	15	1,43	3,21	2,43	0,41

Tabela 21: Análise descritiva da comparação entre o grupo de pais com horário fixo e o grupo de pais que trabalham por turnos no que diz respeito às três componentes do envolvimento

Análise complementar

Relativamente à variável horário de trabalho, a análise descritiva relativa ao **tempo** que os pais passam com os seus filhos mostrou uma tendência dos pais que trabalham por turnos para passarem, em média, mais tempo com os seus filhos, quer durante a semana quer durante os fins-de-semana, do que os pais que têm um horário de trabalho fixo. É de salientar que, mais uma vez, a dimensão dos grupos varia pois os pais que respondem a uma das questões não são os que respondem à outra (ver Tabela 22).

Tempo em minutos por:	Horário	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Dia	Fixo	10	0,00	146,67	68,50	44,82
	Turnos	9	30,00	133,33	80,37	32,67
Fim-de-semana	Fixo	9	113,33	340,00	229,14	90,99
	Turnos	10	58,89	633,67	269,59	181,34

Tabela 22: Análise descritiva da comparação entre os pais que têm um horário fixo e os pais que trabalham por turnos no que diz respeito ao tempo que passam com os seus filhos

Trabalho das mães

No que diz respeito ao **trabalho das mães**, procedeu-se à comparação do resultado total do questionário entre o grupo dos pais cujas companheiras trabalhavam com o grupo dos pais cujas companheiras não trabalham utilizando o Teste de Mann-Whitney. A

análise inferencial revelou diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos no que diz respeito ao **envolvimento** ($U= 174,00,00, p= ,02$) (Anexo B).

A análise descritiva na qual se comparou o **envolvimento** entre os dois grupos mostrou que os pais que têm companheiras que trabalham apresentam resultados mais elevados do que os pais que têm companheiras que não trabalham (ver Tabela 25).

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Mães trabalham	39	1,22	3,67	2,37	0,49
Mães não trabalham	15	1,22	3,36	2,03	0,58

Tabela 23: Análise descritiva da comparação entre os pais cujas companheiras trabalham e os pais cujas companheiras não trabalham no que diz respeito ao envolvimento

No que diz respeito à análise da componente **interacção** utilizando o Teste de Mann-Whitney verificou-se que existiam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($U= 156,50,00, p= ,01$) (Anexo B).

Relativamente à **disponibilidade**, a aplicação do Teste de Mann-Whitney não revelou diferenças estatisticamente significativas entre o grupo dos pais cujas companheiras trabalham e o grupo dos pais cujas companheiras não trabalham ($U= 201,00; p= ,07$) (AnexoB).

No que diz respeito à componente **responsabilidade**, verificou-se, através da aplicação do teste de Mann-Whitney, que não existiam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($U= 195,50; p= ,61$) (AnexoB).

A Tabela 24 mostra os resultados obtidos pelos pais no que diz respeito às três componentes do envolvimento paterno.

		N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Interacção	Mães trabalham	39	1,54	3,77	2,56	0,42
	Mães não trabalham	15	1,62	3,62	2,24	0,52
Disponibilidade	Mães trabalham	39	1,17	3,25	2,27	0,50
	Mães não trabalham	15	1,33	3,25	2,02	0,57
Responsabilidade	Mães trabalham	39	0,64	4,00	2,29	0,67
	Mães não trabalham	15	0,64	3,21	1,83	0,76

Tabela 24: Análise descritiva da comparação entre o grupo dos pais cujas companheiras trabalham e o grupo de pais cujas companheiras não trabalham no que diz respeito às três componentes do envolvimento

Análise complementar

A análise descritiva do **tempo** que os pais passam com os seus filhos para a variável trabalho da mãe permitiu observar uma tendência dos pais cujas companheiras não trabalham para passarem mais tempo com os seus filhos, quer durante a semana, que aos fins-de-semana, do que os pais cujas companheiras trabalham (ver Tabela 29).

Tempo em minutos por:	Mães trabalham	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Dia	Sim	14	0,00	146,67	68,37	39,81
	Não	5	46,67	133,33	90,22	35,09
Fim-de-semana	Sim	15	58,89	413,33	223,41	115,86
	Não	4	133,33	633,67	351,75	208,17

Tabela 25: Análise descritiva da comparação entre os pais cujas companheiras trabalham e os pais cujas companheiras não trabalham no que diz respeito ao tempo que os pais passam com os seus filhos

Análise de conteúdo

Relativamente às questões abertas do questionário, muitos dos pais não responderam a uma ou mais questões. Assim, optou-se apenas por sistematizar os tipos e tendências das respostas. Assim, as brincadeiras mais referenciadas estão resumidas na Figura 1.

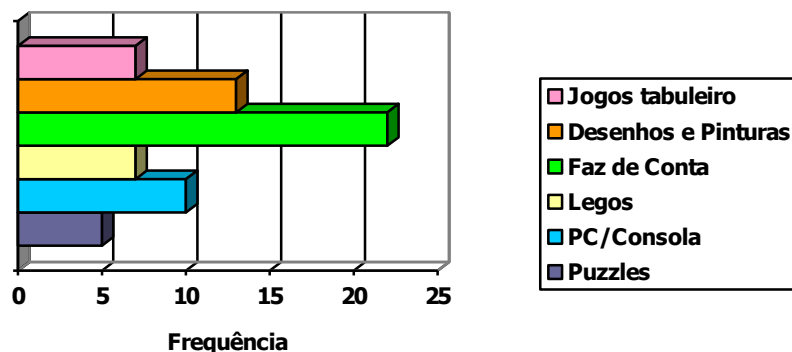


Figura 1: Respostas mais frequentes à questão "Indique as brincadeiras mais frequentes"

Houve ainda outras “brincadeiras” que foram referidas apenas uma vez, tais como: dançar, contar histórias, cantar, fazer recortes.

Os jogos mais referidos foram os de computador/ consolas (como a “Playstation”), seguindo-se os jogos de tabuleiro (como o Monopólio) e o Futebol.

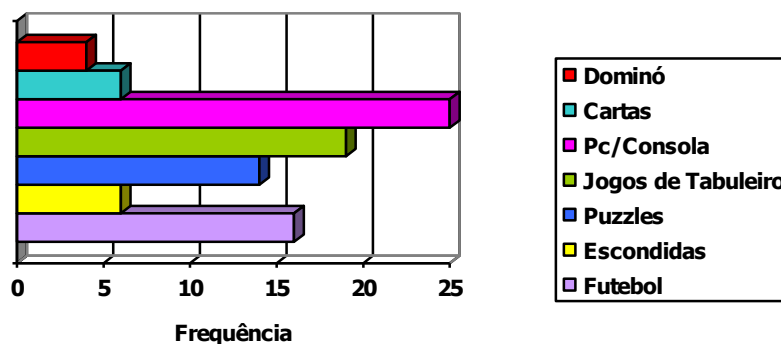


Figura 2: Respostas mais frequentes à questão “Indique os jogos mais frequentes”

Relativamente às actividades praticadas ao ar livre, obtivemos uma maior referência a “andar de bicicleta” (com 36 respostas), seguindo-se jogar à bola (28), e passear a pé (com 18 respostas).

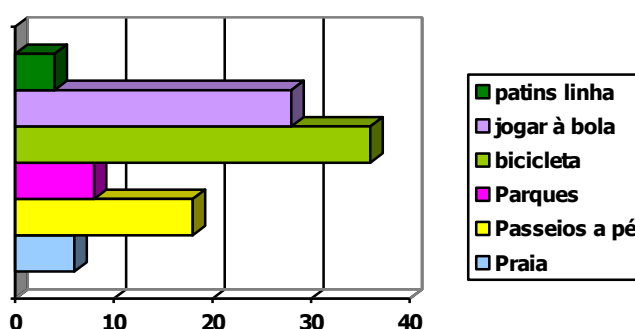


Figura 3: Respostas mais frequentes à questão “Indique que actividades pratica”

No que diz respeito aos locais mais referidos para passear com as crianças, destacaram-se os jardins e parques infantis (42 respostas), seguindo-se a praia (30) e os centros

comerciais (11). Houve ainda locais referidos apenas uma vez como museus, exposições e bibliotecas.

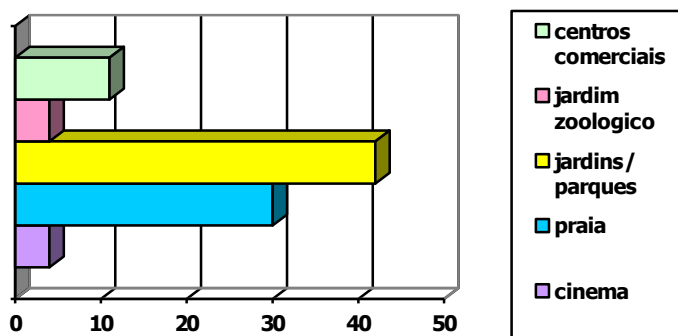


Figura 4: Respostas mais frequentes à questão “Indique os locais mais frequentes”

Relativamente aos programas de televisão que os pais afirmam ver com os seus filhos, podemos referir o grande número de respostas para os desenhos animados (44), seguindo-se os documentários/ programas sobre vida selvagem com 14 respostas.

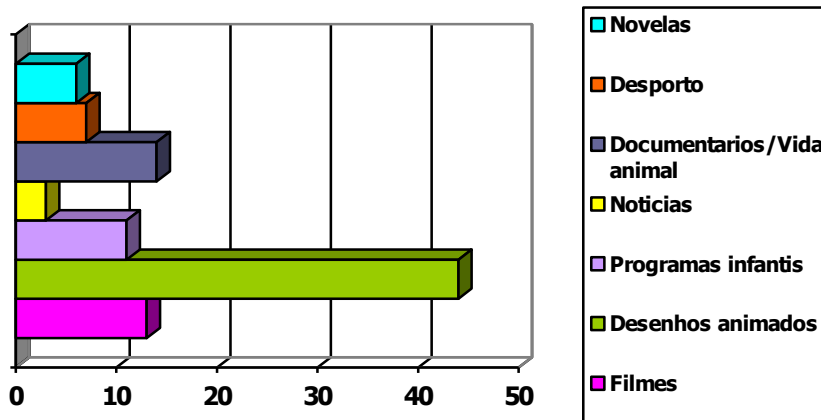


Figura 5: Respostas mais frequentes à questão “Indique que programas vêem juntos”

Os temas de conversa mais referidos pelos pais são o dia-a-dia (19 referências), a escola (14 referências). Houve 13 pais que afirmaram que falavam com os seus filhos sobre tudo enquanto outros 13 afirmaram responder a dúvidas e questões das crianças.

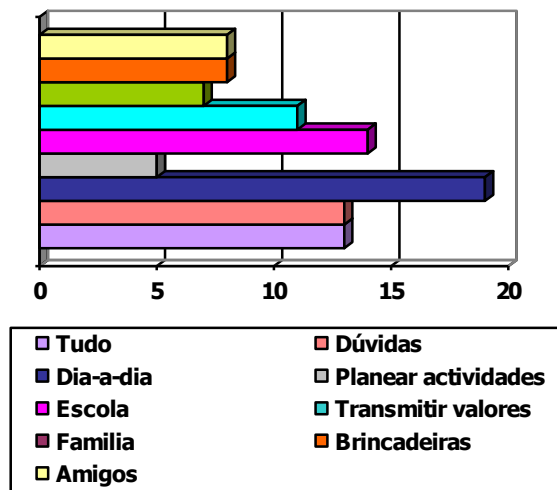


Figura 6: Respostas mais frequentes à questão “Indique sobre o que conversam”

No final do questionário era pedido aos pais para descreverem outras actividades que praticassem com os seus filhos e que não tivessem sido referidas ainda. Apenas 9 pais responderam a esta questão. As respostas foram variadas: houve pais que disseram que “realizavam actividades que promovessem o seu desenvolvimento”, outros “cantavam muito com o seu filho”. Ouvir música, dançar, pintar, treinar rimas e lenga-lengas, fazer pesquisas na *internet*, jardinar, ir a concertos foram outras das actividades referidas.

Discussão

Dos resultados obtidos destacam-se os seguintes aspectos:

- Foram encontradas **diferenças estatisticamente significativas** no que diz respeito ao **envolvimento** entre os pais do Grupo 1 (pais que trabalham menos de oito horas diárias) e o Grupo 2 (pais que trabalham mais de oito horas por dia), o que vai no sentido da hipótese colocada.
- A análise relativa às componentes do envolvimento paterno revelou que existiam **diferenças estatisticamente significativas** entre os Grupos 1 e 2 no que diz respeito à componente **disponibilidade**.
- Foram encontradas **diferenças estatisticamente significativas** no que diz relativamente ao **envolvimento paterno** entre os Grupo dos pais cujas companheiras trabalham e os Grupo dos pais cujas companheiras não trabalham, o que vai confirmar a hipótese colocada.
- Relativamente à componente **interacção** do envolvimento, foram encontradas **diferenças estatisticamente significativas** entre os pais que têm companheiras que trabalham e os pais que têm companheiras que não trabalham.
- Relativamente à variável **tempo**, verificou-se que os pais do Grupo 1 dedicavam mais tempo aos filhos durante a semana, enquanto os pais do Grupo 2 dedicavam mais tempo durante o fim-de-semana.
- Verificou-se que os pais que trabalham aos fins-de-semana (Grupo 3) passam mais **tempo** com os seus filhos durante a semana do que os pais que não trabalham aos fins-de-semana (Grupo 4), enquanto os pais do Grupo 4 passam mais **tempo** com os seus filhos durante o fim-de-semana dos que os pais do Grupo 3. Contudo estes dados não resultam da análise inferencial, não podendo, por isso, ser generalizados à população.

- Os pais que trabalham por turnos apresentam uma maior tendência para o **envolvimento** com as crianças do que os pais que têm um horário de trabalho fixo, o que vai contrariar a hipótese colocada.
- Relativamente ao **tempo** que os pais passam com os seus filhos observou-se que os pais cujas companheiras não trabalham passam mais tempo com os seus filhos. Contudo estes dados não resultam da análise inferencial, não podendo, por isso, ser generalizados à população.

Número de horas de trabalho diárias

Relativamente à hipótese colocada, os resultados confirmaram que existiam diferenças estatisticamente significativas entre os pais que trabalhavam menos de oito horas por dia e os pais que trabalhavam mais de oito horas. Verificamos ainda que estas diferenças iam no sentido da hipótese colocada, os pais que trabalham menos estão mais envolvidos com os seus filhos, o que pode ser explicado segundo Kanter (1978 cit. por Belsky, 1984) pelo facto de os pais que dedicam mais tempo aos seus empregos são menos disponíveis para os seus filhos. No que diz respeito às três componentes do envolvimento paterno os resultados mostraram que existiam, também, diferenças estatisticamente significativas relativamente à componente disponibilidade. Os pais que trabalham menos de oito horas por dia apresentam um maior potencial para a interacção, isto é, mesmo não estando em interacção encontram-se disponíveis para que esta aconteça. Os pais que trabalham mais de oito horas apresentam talvez por cansaço ou mesmo falta de tempo real uma menor disponibilidade para a interacção.

Trabalho aos fins-de-semana

Os resultados relativos à variável “Trabalho aos fins-de-semana” mostraram que os pais que não trabalham aos fins-de-semana estão mais envolvidos do que os pais que trabalham durante os fins-de-semana, o que vai no sentido da hipótese colocada embora esta diferença não fosse estatisticamente significativa. Verificamos ainda que tal como proposto na hipótese os pais que trabalham durante os fins-de-semana vão interagir menos, estar menos disponíveis e ser menos responsáveis pelos seus filhos do que os pais que não trabalham durante os fins-de-semana. Uma hipótese explicativa pode ser o

facto de um maior contacto com as crianças proporcionar um maior envolvimento (Johnson, 2001), ou então tal como referido na variável anterior pode ser resultado de uma maior dedicação ao emprego, que provoca uma maior diminuição do tempo dedicado às crianças (Kanter, 1978 cit. por Belsky, 1984).

Tipo de horário

No que diz respeito ao tipo de horário verificamos que os resultados iam no sentido contrário ao da hipótese colocada, não apresentando diferenças estatisticamente significativas. Assim verificamos que os pais que trabalham por turnos parecem estar mais envolvidos com os seus filhos do que os pais que têm um horário de trabalho fixo. Mais uma vez podemos tentar explicar os resultados à luz da literatura que defende que os pais que mantêm um maior contacto (diário) com os seus filhos vão estar mais envolvidos, vão adquirir mais competências que estimulam o desenvolvimento parental e da criança (Johnson, 2001).

Trabalho da mãe

Os resultados relativos a esta variável mostraram que, não só existiam diferenças estatisticamente significativas entre os pais cujas companheiras trabalham e os pais cujas companheiras não trabalham, mas que estas diferenças estatisticamente significativas vão ser encontradas também na componente interacção do envolvimento. Parece que apesar das mães ainda se assumirem como cuidadoras primárias o facto de terem um emprego fornece ao pai a oportunidade para aumentar o seu contacto e o envolvimento com a criança (Donovan, 1963; McCord, MacCord & Tumber, 1963; Propper, 1972 cit. por Belsky, 1984).

Tempo

A hipótese colocada para a variável “número de horas de trabalho” foi confirmada para os resultados durante a semana e infirmada para os resultados aos fins-de-semana. Os resultados obtidos mostram que os pais que trabalham menos de oito horas por dia passam mais tempo com os seus filhos durante a semana mas que durante os fins-de-semana são os pais que trabalham mais de oito horas que passam mais tempo com os seus filhos. Estes resultados levam a pensar que os pais que durante a semana não têm tanto tempo para estar com os seus filhos porque passam mais horas a trabalhar vão “compensar” essas horas aos fins-de-semana.

Relativamente à variável “trabalho aos fins-de-semana” voltamos a ter uma hipótese confirmada para os resultados durante a semana e infirmada para os resultados aos fins-de-semana uma vez que os pais que não trabalham aos fins-de-semana passam menos tempo durante a semana com os filhos mas mais tempo aos fins-de-semana, verificando-se o oposto com os pais que trabalham aos fins-de-semana. Estes resultados sugerem que os pais que trabalham aos fins-de-semana tentam durante a semana compensar a sua ausência aos fins-de-semana passando mais tempo com estes.

Os resultados obtidos para a variável “tipo de horário” vão no sentido contrario ao da hipótese colocada uma vez que os pais que trabalham por turnos passam mais tempo com os seus filhos do que os pais que têm horário fixo, uma explicação possível é o facto dos pais que têm um horário de trabalho fixo só poderem estar com os seus filhos sempre a determinadas horas enquanto os pais que trabalham por turnos têm horários variáveis que podem ser mais similares aos das crianças proporcionando mais horas juntos.

Os resultados obtidos para a variável “trabalho da mãe” vão no sentido contrario ao da hipótese colocada uma vez que os pais cujas companheiras não trabalham passam mais tempo com os seus filhos do que os pais cujas companheiras trabalham. Sabemos que o envolvimento paterno não é inversamente proporcional ao envolvimento da mãe, que quando as mães trabalham estas recorrem muitas vezes a familiares e amas para as ajudarem no cuidado das crianças (Wood & Repetti, 2004), assim o envolvimento do pai vai ser condicionado, pois a forma como as mães organizam o seu tempo, deixando

as crianças com “terceiros” pode fazer com que os pais passem ainda menos tempo com os seus filhos (Parke & Tinsley, 1987).

Da realização deste trabalho destacam-se as seguintes conclusões:

- Os pais que têm a oportunidade de passar mais tempo com os seus filhos, quer seja durante os fins-de-semana, quer seja por terem horários mais flexíveis ou trabalharem menos horas por dia parecem adquirir valores que vão estimular o seu desenvolvimento parental e aumentar o seu envolvimento (Jonhson, 2001).
- Os pais que passam mais tempo com os seus filhos não vão ser sempre os mais envolvidos, uma vez que uma forma positiva de envolvimento não está sempre associada à quantidade de tempo que os pais passam com a criança (Corwin & Bradley, 1999).
- A entrada das mulheres no mercado de trabalho proporcionou um aumento do envolvimento paterno (Cabrera et al, 2000), e apesar de verificarmos que são os pais cujas companheiras trabalham que estão mais envolvidos não podemos deixar de referir que tanto a relação conjugal como o comportamento parental da própria mãe trabalhadora vão influenciar o envolvimento paterno (Cox et al, 2008).
- Não parece existir um tipo óptimo de comportamento parental, este tem que ser adaptado às exigências diárias, desde que assim se consiga responder às solicitações da criança e promover o seu desenvolvimento (Pires, 1990).
- Apesar dos pais por vezes terem um nível mais baixo de envolvimento no cuidado da criança, e noutras formas de interacção, isto não torna os pais menos competentes que as mães no cuidado da criança (Corwin & Bradley, 1999).

Referências Bibliográficas

Belsky, J. (1981). Early human experience: a family perspective, *Developmental Psychology*, vol.17(1), 3-23.

Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process, *Child development*, vol. 55, 83-96.

Bornstein, M. (2002). Parenting Science and Practice. In M. Bornstein (Eds.), *Handbook of Parenting* (pp.893 – 935). N.J.: Lawrence Erlbaum.

Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C., Bradley, R., Hofferth, S., Lamb, M. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century, *Child Development*, vol. 71(1), 127-136.

Corwyn, R. & Bradley, R. (1999). Determinants of paternal and maternal investment in children, *Infant Mental Health Journal*, vol. 20(3), 238-325.

Cox, M.; Deng, M.; Mills-Koonce, R.; Willoughby, M. & Barret, M. (1998). Interdependence of Parenting of mothers and fathers of infants, *Journal of Family Psychology*, vol. 22(3), 561-573.

Featherstone, B. (2004). Fathers matter: a research review, *Children and society*, vol. 18, 312-319.

Fitzgerald, H.; Mann, T. & Barret, M. (1999). Fathers and Infants, *Infant Mental Health Journal*, vol. 20(3), 213-221.

Hernandez, D. & Coley, R. (2007). Measuring father involvement within low income families: who is a reliable and valid reporter?, *Parenting: Science and practice*, vol. 7(1), 69-97.

Henley, K. & Pasley, K. (2005). Conditions affecting the association between father identity and father involvement, *Fathering*, vol.3 (1), 59-80.

Hoffman, J. (2008). *More evidence that father involvement is good for kids*. Consultado em 2 de Agosto de 2008 através de <http://www.fira.ca>

Instituto Nacional de Estatística (2007). *Dia Internacional da Família*. Consultado em 14 de Março de 2008 através de <http://www.ine.pt>

Johnson, Waldo E. (2001). Paternal involvement among unwed fathers, *Children and Youth Services Review*, vol. 23, 513-536.

Lamb, M., Frodi, M., Hwang, C., Frodi, A. (1983). Effects of Paternal Involvement on Infants Preferences for Mothers or Fathers, *Child Development*, vol. 54, 450-458.

Lima, A.(2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In J. Bairrão (Org.), *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp. 200-233). Porto: LivPsi/Legis.

Parke, R. & Tinsley, B. (1987). Family interaction in infancy. In J. Osofsky, (Ed.), *Handbook of Infant Development* (579-641). New York: Wiley.

Parke, R. (1995). Fathers and families. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*. Vol. 3. (27-63). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Pearson, M & Aguas, M. (2004). *Babies and Bosses, a review of Portugal's policies to support parents in their choices of work and childcare*. Consultado em 28 de Dezembro de 2008 através de <http://oecd.org>

Pereira, A. (2004). *Guia Prático de utilização do SPSS - Análise de dados para Ciências Sociais e Psicologia* (5ªed.). Lisboa: Edições Silabo

Pires, A. (1990). Determinantes do Comportamento Parental. *Análise Psicológica*, 4(VIII): 445-452.

Pleck, J. (1999). *Balancing Work and Family*, Scientific American Presents, 15240223. Consultado em 7 de Maio de 2008 através de EBSCOHost Academic Search database.

Pleck, J. & Maurer, T. (2006). Fathers caregiving and breadwinning: a gender congruence analysis, *Psychology of men and masculinity*, vol.7 (2), 101-112.

Sanders, M. (2008). Triple P-Positive Parenting Program as Public Health Approach to Stragthenning Parenting, *Journal of family Psychology*, vol. 22(3), 506-517.

Tamis-LeMonda, C.; Lamb, M.; Cabrera, N. & Shannon, J. (2004). Fathers and Mothers at play with their 2 and 3 year-olds: contributions to language and cognitive development, *Child Development*, 75 (6), 1806-1820.

Wood, J. & Repetti, R. (2004) What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child caregiving involvement, *Journal of family psychology*, 18(1), 237-249.

Anexo A

Questionário

Este é um estudo sobre o envolvimento dos pais no dia-a-dia de crianças em idade pré-escolar. Ficaríamos muito gratos se preenchesse este questionário, que será usado confidencialmente. Não há respostas certas nem erradas, a experiência de cada homem é muito variável. Gostaríamos de ficar a saber um pouco mais sobre a forma como geralmente interage/ se relaciona com o seu filho(a). Onde for pedido, por favor, acrescente os seus comentários ou dê exemplos no espaço que lhe é fornecido.

Dados biográficos (pai):

Idade: _____

Habilitações literárias: _____

Profissão: _____

Rendimento económico (familiar) líquido: _____ (em euros)

Localidade onde trabalha: _____

Localidade onde vive: _____

Tempo médio entre casa e o trabalho: _____

Horas diárias de trabalho: _____

Horário: fixo Indique _____

turnos

Trabalha aos fins-de-semana?

sim

não

Estado Civil: _____

Tempo de coabitação _____

Vive com o filho(a)? sim

não

Data de nascimento da criança: _____

Sexo da criança: masculino

feminino

Depois do Jardim-de-infância o seu filho(a) vai para:

casa

prolongamento (Componente de Apoio à Família)

casa dos avós

ama

outro _____

Tem mais filhos?

Sim Com que idades? _____ Sexo? _____

Não

A mãe da criança trabalha?

sim

não

Habilitações literárias (mãe): _____

	NUNCA	RARAMENTE	DE VEZ EM QUANDO	FREQUENTE-MENTE	SEMPRE
1. Brinco com o meu filho (ex: com bonecas, carrinhos) Indique o nº de horas diárias: ____ Indique o nº de horas ao fim de semana: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Estou presente enquanto o meu filho brinca Indique o nº de horas diárias: ____ Indique o nº de horas ao fim de semana: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Jogo com o meu filho (ex: monopólio, playstation) Indique o nº de horas diárias: ____ Indique o nº de horas ao fim de semana: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Estou presente enquanto o meu filho joga Indique o nº de horas diárias: ____ Indique o nº de horas ao fim de semana: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Leio histórias ao meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Conto histórias ao meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Canto com/para o meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Pratico actividades ao ar livre com o meu filho (ex: jogar à bola, andar de bicicleta) Indique o nº de horas diárias: ____ Indique o nº de horas ao fim de semana: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Vou passear com o meu filho (ex: jardim zoológico, parque infantil) Indique o nº de horas diárias: ____ Indique o nº de horas ao fim de semana: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Quando o meu filho não acorda sozinho, vou eu a acordá-lo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Assisto às actividades extra curriculares do meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Deito/ dou as boas noites (beijinho) ao meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Tomo o pequeno-almoço com meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Visto o meu filho de manhã	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Levo o meu filho ao Jardim-de-infância	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. Almoço com o meu filho
17. Quando estou em casa vou buscar o meu filho ao Jardim-de-infância para almoçar comigo

	NUNCA	RARAMENTE	DE VEZ EM QUANDO	FREQUENTE-MENTE	SEMPRE
18. Vou buscar o meu filho à escola/ ama/ casa dos avós	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Lancho com o meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Janto com o meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Preparo as refeições do meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Vou levar/ buscar o meu filho às actividades extracurriculares (ex: natação)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Marco as consultas e idas à vacina do meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Vou com o meu filho ao pediatra	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Quando o meu filho está doente fico em casa com ele	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Participo nas actividades organizadas pelo Jardim-de-infância (ex: actividades do dia do Pai)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Vou às reuniões de pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Vou às festas do Jardim-de-Infância	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Participo na compra/escolha de roupa para o meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Quando vou ao supermercado sei o que comprar para o meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Compro os brinquedos para o meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Vejo televisão com o meu filho Indique o nº de horas diárias: _____ Indique o nº de horas ao fim de semana: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. O meu filho vê televisão sozinho enquanto eu realizo outra actividade no mesmo espaço da casa (ex: trabalho, leio o jornal) Indique o nº de horas diárias: _____ Indique o nº de horas ao fim de semana: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

34. Converso com o meu filho
- Indique o nº de horas diárias: _____
- Indique o nº de horas ao fim de semana: _____
35. Planeio as actividades que vou desenvolver com o meu filho nos tempos livres

	NUNCA	RARAMENTE	DE VEZ EM QUANDO	FREQUENTE-MENTE	SEMPRE
36. Decido que castigos atribuir ao meu filho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Levo o meu filho a actividades culturais (ex: cinema, teatro, exposições)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Quando o meu filho acorda durante a noite sou eu que vou acalmá-lo/ adormecê-lo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Sou responsável pela higiene diária do meu filho (ex: banho, lavagem de dentes)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Relativamente às afirmações:

1. Brinco com o meu filho

Indique as brincadeiras mais frequentes: _____

3. Jogo com o meu filho

Indique os jogos mais frequentes: _____

8. Pratico actividades ao ar livre com o meu filho

Indique que actividades pratica: _____

9. Vou passear com o meu filho

Indique os locais mais frequentes: _____

32. Vejo televisão com o meu filho

Indique que programas vêem juntos: _____

34. Converso com o meu filho

Indique sobre o que conversam: _____

Descreva que outras actividades pratica com o seu filho, que não tenham sido referidas no questionário:

Anexo B
Análise inferencial

Variável: Trabalhar aos fins-de-semana

Envolvimento

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	Envolvimento
Mann-Whitney U	326,500
Wilcoxon W	677,500
Z	-0,649
Asymp. Sig. (2-tailed)	0,516

Disponibilidade

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	disponibilidade
Mann-Whitney U	303,000
Wilcoxon W	654,000
Z	-1,058
Asymp. Sig. (2-tailed)	0,290

Responsabilidade

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	responsabilidade
Mann-Whitney U	323,500
Wilcoxon W	674,500
Z	-0,702
Asymp. Sig. (2-tailed)	0,483

Interacção

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	interacção
Mann-Whitney U	337,000
Wilcoxon W	688,000
Z	-0,469
Asymp. Sig. (2-tailed)	0,639

Variável: Horas diárias de trabalho

Envolvimento

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	envolvimento
Mann-Whitney U	232,000
Wilcoxon W	557,000
Z	-2,264
Asymp. Sig. (2-tailed)	,024

Disponibilidade

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	disponibilid ade
Mann-Whitney U	210,500
Wilcoxon W	535,500
Z	-2,641
Asymp. Sig. (2-tailed)	,008

Interacção

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	interacção
Mann-Whitney U	270,500
Wilcoxon W	595,500
Z	-1,600
Asymp. Sig. (2-tailed)	,110

Responsabilidade

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	responsabi lidade
Mann-Whitney U	251,000
Wilcoxon W	576,000
Z	-1,937
Asymp. Sig. (2-tailed)	,053

Variável: Tipo de horário

Envolvimento

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	envolvimento
Mann-Whitney U	216,000
Wilcoxon W	996,000
Z	-1,477
Asymp. Sig. (2-tailed)	0,140

Interacção

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	interacção
Mann-Whitney U	198,500
Wilcoxon W	978,500
Z	-1,820
Asymp. Sig. (2-tailed)	0,069

Disponibilidade

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	disponibilid ade
Mann-Whitney U	235,500
Wilcoxon W	1015,500
Z	-1,103
Asymp. Sig. (2-tailed)	,270

Responsabilidade

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	responsabi lidade
Mann-Whitney U	210,000
Wilcoxon W	990,000
Z	-1,596
Asymp. Sig. (2-tailed)	,111

Variável: Mães trabalham

Envolvimento

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	envolvimento
Mann-Whitney U	174,000
Wilcoxon W	294,000
Z	-2,289
Asymp. Sig. (2-tailed)	,022

Interacção

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	interacção
Mann-Whitney U	156,500
Wilcoxon W	276,500
Z	-2,633
Asymp. Sig. (2-tailed)	,008

Disponibilidade

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	disponibilidade
Mann-Whitney U	201,000
Wilcoxon W	321,000
Z	-1,770
Asymp. Sig. (2-tailed)	,077

Responsabilidade

Comparação entre grupos – Teste da Mann-Whitney

	responsabilidade
Mann-Whitney U	195,500
Wilcoxon W	315,500
Z	-1,876
Asymp. Sig. (2-tailed)	,061

Anexo C
Análise descritiva

Variável: Trabalhar aos fins-de-semana

Envolvimento

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_trab_fds	26	1,22	2,97	2,2077	,50622
g2_ntrab_fds	28	1,35	3,67	2,3421	,55782
Valid N (listwise)	0				

Disponibilidade

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_trab_fds_disp	26	1,17	3,08	2,1090	,52534
g2_ntrab_fds_disp	28	1,42	3,25	2,2887	,52728
Valid N (listwise)	0				

Responsabilidade

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g2_ntrab_fds_resp	28	,86	4,00	2,2321	,73453
g1_trab_fds_resp	26	,64	3,14	2,0852	,71401
Valid N (listwise)	0				

Interacção

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_trab_fds_inter	26	1,69	3,15	2,4290	,41348
g2_ntrab_fds_inter	28	1,54	3,77	2,5055	,52148
Valid N (listwise)	0				

Variável: Horas diárias de trabalho

Envolvimento

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_horasdiarias	31	1,35	3,67	2,4389	,49017
g2_horasdiarias	23	1,22	2,85	2,0598	,51989
Valid N (listwise)	0				

Disponibilidade

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_horasdiarias_disp	29	1,42	3,25	2,3879	,49565
g2_horasdiarias_disp	25	1,17	2,83	1,9867	,49164
Valid N (listwise)	0				

Interacção

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_horasdiarias_inter	29	1,54	3,77	2,5703	,50922
g2_horasdiarias_inter	25	1,69	3,15	2,3508	,39728
Valid N (listwise)	0				

Responsabilidade

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_horasdiarias_resp	29	,86	4,00	2,3695	,63861
g2_horasdiarias_resp	25	,64	3,07	1,9200	,74924
Valid N (listwise)	0				

Variável: Tipo de horário

Envolvimento

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_horariofixo	39	1,22	3,67	2,2031	,56778

g2_horarioturnos	15	1,56	3,36	2,4705	,38045
Valid N (listwise)	0				

Interacção

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_horariofixo_inter	39	1,54	3,77	2,3984	,46452
g2_horarioturnos_inter	15	1,85	3,62	2,6513	,44747
Valid N (listwise)	0				

Disponibilidade

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g2_horarioturnos_disp	15	1,33	3,25	2,3222	,46277
g1_horariofixo_disp	39	1,17	3,25	2,1560	,55117
Valid N (listwise)	0				

Responsabilidade

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g2_horarioturnos_resp	15	1,43	3,21	2,4381	,41286
g1_horariofixo_resp	39	,64	4,00	2,0549	,78852
Valid N (listwise)	0				

Variável: Mães trabalham

Envolvimento

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_maestrab	39	1,22	3,67	2,3737	,48853
g2_maes_ntrab	15	1,22	3,36	2,0270	,57821
Valid N (listwise)	0				

Interacção

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_maestrab_inter	39	1,54	3,77	2,5582	,42270
g2_maes_ntrab_inter	15	1,62	3,62	2,2359	,51966

Valid N (listwise)	0				
--------------------	---	--	--	--	--

Disponibilidade

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_maestrab_disp	39	1,17	3,25	2,2735	,50181
g2_maes_ntrab_disp	15	1,33	3,25	2,0167	,57061
Valid N (listwise)	0				

Responsabilidade

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
g1_maestrab_resp	39	,64	4,00	2,2894	,67404
g2_maes_ntrab_resp	15	,64	3,21	1,8286	,75776
Valid N (listwise)	0				

Anexo D

Análise complementar (tempo)

Variável: numero de horas de trabalho diário

Durante a semana

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
horas_diarias_G 1	12	,00	146,67	81,9444	42,90549
horas_diarias_G 2	7	30,00	113,33	60,7143	28,99325
Valid N (listwise)	0				

Fins-de-semana

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
horas_fds_G 1	12	58,89	633,67	243,1759	163,12274
horas_fds_G 2	7	106,67	413,33	262,8571	112,20729
Valid N (listwise)	0				

Variável: trabalho aos fins-de-semana

Durante a semana

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
horas_diarias_G 3	9	30,00	133,33	75,3704	30,96693
horas_diarias_G 4	10	,00	146,67	73,0000	46,65211
Valid N (listwise)	0				

Fins-de-semana

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
horas_fds_G 3	10	58,89	413,33	232,7778	128,72728

horas_fds_G4	9	113,33	633,67	270,0370	163,64685
Valid N (listwise)	0				

Variável: Trabalho da mãe

Durante a semana

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
horas_diarias_mae_trab	14	,00	146,67	68,3730	39,80750
horas_diarias_mae_ntrab	5	46,67	133,33	90,2222	35,09599
Valid N (listwise)	0				

Durante os fins-de-semana

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
horas_fds_maestrab	15	58,89	413,33	223,4074	115,86304
horas_fds_maes_ntrab	4	133,33	633,67	351,7500	208,16578
Valid N (listwise)	0				

Variável: tipo de horário

Durante a semana

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
horas_diarias_fixo	10	,00	146,67	68,5000	44,82097
horas_diarias_turnos	9	30,00	133,33	80,3704	32,66931
Valid N (listwise)	0				

Durante os fins-de-semana

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation

horas_fds_fixo	9	113,33	340,00	229,1358	90,99379
horas_fds_turnos	10	58,89	633,67	269,5889	181,34194
Valid N (listwise)	0				